



Divisão social de trabalho da etnia Balanta no cultivo de arroz em Guiné-Bissau, África

*Social division of labor of the Balanta ethnic group in rice cultivation in
Guinea-Bissau, Africa*

NA CIA, Sabino¹; CAVALCANTE, Marcelo Casimiro

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB,
sabinonacia@gmail.com; ² UNILAB, marcelocasimiro@unilab.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: O objetivo deste trabalho foi demonstrar como se apresenta a configuração da divisão social dos trabalhos da etnia Balanta no cultivo de arroz em Guiné-Bissau, desde etapas iniciais até as finais, enfatizando o papel das crianças e adolescentes e das mulheres nesta importante atividade cultural e econômica da etnia. Estas experiências são frutos de uma vivência permanente no campo (zona rural) de quase sete anos, mais dez anos de vivência sazonal, na Vila de Tchuguê Secção de Ganduá, Setor de Catió (capital regional). A divisão social do trabalho da etnia Balanta no cultivo de arroz envolve as seguintes etapas: I) pré-plantio; II) plantio; III) manejo cultural; e IV) colheita. O papel exercido pelas crianças, adolescentes e as mulheres é de extrema importância para o sucesso de todo o processo, sem as suas participações a dinâmica e a eficiência dos trabalhos não seria a mesma, pois estes grupos são responsáveis pela execução de tarefas-chaves, como vigiar as sementeiras, transportar as mudas para o campo, vigiar a plantação antes da colheita e ceifar e transportar os grãos de campo para as Vilas.

Palavras-Chave: campesinato; sistemas ancestrais; agroecologia.

Contexto

Este relato de experiência é o resultado de uma caminhada longa, marcada pelos inúmeros aprendizados de um dos autores que foram acumulados desde a infância até os dias atuais. Estas experiências são frutos de uma vivência permanente no campo (zona rural) de quase sete anos, mais dez anos de vivência sazonal, tempo suficiente para entender a dinâmica social e cultural da minha gente (etnia Balanta), sobretudo no que concerne a divisão social do trabalho no cultivo de arroz.

Culturalmente a Guiné-Bissau se ostenta de um lindo mosaico étnico, dotado de línguas e culturas diferentes, que o torna como referência na Sub-região. Entre os grupos étnicos destaca-se Manjaco, Mancanha, Papel, Mandingas, Fula, Beafada e Balanta como os mais numerosos (este último é o foco do nosso relato). Os Balantas, indivíduos pertencentes à etnia Balanta, vivem majoritariamente na região de Oio - Província Norte, mas segundo Sia (2017) este grupo étnico migra para diferentes zonas do país, inclusive a Província Sul, onde se constituem como um



dos grupos majoritário. A migração dos Balantas para o sul do país, principalmente no território

dos Nalus (outro grupo étnico do país) se explica por este ser mais fértil e propício para cultivo de arroz, principal atividade econômica dos Balantas (RICH, 2015). Eles vivem em pequenas Vilas (Tabankas) que por sua vez são formadas de poucos ou vários agrupamentos de casas, e cada conjunto de casas têm em comum um único avô paterno (Moranças). Dentro de cada Morança existe desde crianças, adolescentes, jovens, mulheres e anciãos, e entre estes anciões um se encarregue como responsável da Morança.

O grupo etário entre os Balantas se dá seguindo as etapas de acordo com a distribuição das tarefas, desde que um indivíduo do mesmo grupo esteja apto a exercer qualquer função em benefício da Tabanka ou da Morança (SIA, 2017). Neste sentido, a distribuição social das atividades agrícolas dá-se em consonância do gênero e de faixa etária, ou seja, cada elemento da família tem suas tarefas bem definidas, ao menos que ele esteja impossibilitado de executá-las.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar como se apresenta a configuração da divisão social dos trabalhos da etnia Balanta no cultivo de arroz, desde etapas iniciais até as finais, enfatizando o papel das crianças e adolescentes e das mulheres nesta importante atividade cultural e econômica da etnia.

Descrição da Experiência

Esta narrativa é resultante das observações por muitos anos de vivência, que elucidam aspectos sociais presentes nas atividades agrícolas de Balantas. Portanto, a sua metodologia baseia-se em pesquisa qualitativa, que segundo Gerhardt & Silveira (2009) é uma pesquisa que não se interessa com a representatividade numérica mas sim, com o aprofundamento de um grupo social, organização, etc. Esta pesquisa procurou trazer as questões do dia a dia deste grupo social. Para Minayo *et al*, (2002) pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes.

A vivência resultante deste relato, ocorreu na Vila de Tchuguê Seção de Ganduá, Setor de Catió (capital regional). Catió por sua vez pertence à Região de Tombali, Província Sul do país. A pequena Vila de Tchuguê é povoada na sua maioria pelo povo da etnia Balanta, aliás, a sua presença na Região de Tombali é bastante expressiva, como afirma Sia (2017). Se ocupam principalmente de atividades agrícolas, entre as quais: caju, amendoim e arroz (o mais importante).



O Setor de Catió, onde se encontra Vila de Tchuguê, Região de Tombali na Província Sul da Guiné-Bissau, apresenta as seguintes características climáticas: clima – tropical; temperatura – média é de 26,5°C; precipitação – média anual é de 2511 mm; umidade – 70% (médias anuais de 1982-2012).

Três grandes questões nortearam o presente relato: alto nível organizacional do povo da etnia Balanta, mesmo sem adoção de ferramentas tecnológicas e científicas; papel preponderante executadas pelas mulheres, adolescentes e crianças, numa sociedade vista como machista; e por último, a questão agroecologia e da agricultura orgânica visível nestas atividades agrícolas.

Como é sabido, o sucesso de qualquer que seja a atividade requer dos seus executores um alto nível organizacional para colher bons resultados. A este ponto os Balantas apresentam alto potencial, visto que, as atividades agrícolas por eles realizadas dependem exclusivamente das condições climáticas, especialmente das chuvas. Considerando que a precipitação pluviométrica da região sul do país tem-se mostrado com variações tanto no volume como em datas para início e término, devido às mudanças climáticas que têm ocorrido. O grupo étnico utiliza de vários mecanismos para dar respostas a estas variações, fechando os diques (para conservar a água dentro das propriedades) e a implantação de variedades de ciclo curto, para que se tenha uma colheita precoce em relação a grande parte do cultivo que terá a sua colheita tardio em decorrência de início também tardio de chuvas.

Outro ponto importante a ser destacado neste trabalho é o papel das mulheres e crianças para o êxito de todo processo. Ao contrário do que muitos pensam, a força do trabalho destes grupos é imprescindível, desde cultivo até a colheita. O manejo cultural do arrozal nas propriedades dos Balantas é muito complicado tendo em conta as condições topográficas das propriedades, que exige muita mão-de-obra, paciência e mobilidade. As mulheres, por serem mais pacientes do que os homens, conseguem executar tarefas que os homens facilmente não executariam. Enquanto as crianças por terem maior mobilidade, são responsáveis, muitas vezes, para carregar os utensílios de um lugar para o outro e vigiar o cultivo para que não seja invadido pelos pássaros e outros animais.

A atividade agrícola dos Balantas apresenta algumas características de grande agregado agroecológico, mesmo sendo o monocultivo. Este processo encere-se em condições um pouco desafiantes, por isso requer mão-de-obra totalmente humana; esta mão-de-obra na sua maioria vem da família dentro da Morança ou de amigos da própria Tabanka. Os insumos necessários para cada ano agrícola (sementes



crioulas) são provenientes de colheitas anteriores, em casos extremos, as autoridades regionais são obrigadas a apoiar os camponeses para minimizar o impacto. Além disso, as trocas comerciais dentro da Vila permitem que as famílias incorporem novas variedades de sementes para anos seguintes, tornando-as menos dependentes. Vale ressaltar que todo o processo desde preparo de solo até a colheita, ocorre sem aplicação de altas tecnologias, adubos químicos, agrotóxicos, entre outros produtos predominantes na agricultura convencional.

Resultados

A divisão social do trabalho da etnia Balanta no cultivo de arroz envolve as seguintes etapas: I) pré-plantio; II) plantio; III) manejo cultural; e IV) colheita. A forma e tudo o que é feito em cada uma destas etapas serão descritos em seguida:

I – Pré-plantio: esta é uma etapa aparentemente simples, mas se não for bem executada pode comprometer todo o processo. É uma etapa de planejamento, que envolve mais a intervenção dos anciões e homens adultos da Morança, eles avaliam ano agrícola anterior, quais foram os pontos negativos e os pontos positivos, e se pretendem implementar algo novo na lavoura, planejar como conseguir os insumos (sementes) com os parentes. Com início de chuvas nos meados de maio e junho, os jovens e alguns adultos entram nas florestas para cortar troncos (caule) das árvores de *Pterocarpus erinaceus* (em Crioulo “Pau di sangui), tronco destas árvores são lavrados em madeira, e posteriormente aperfeiçoados em Arados (principal utensílio para revolvimento do solo antes de plantio). Nesta etapa os anciões costumam visitar as propriedades, para se inteirarem de suas condições e se o solo já está apto para ser revolvido.

II – Plantio: esta é uma das etapas que mais exige mão-de-obra, e requer envolvimento de todos os membros da família ou da Morança ou até da Vila. Logo que as condições climáticas favorecerem, os adolescentes (de 15-17 anos), os jovens e adultos pegam em seus arados para revolver o solo de terrenos próximo da casa ou nas propriedades, depois de revolver o solo eles colocam as sementes de arroz sobre os canteiros (réguas em crioulo), às vezes cobrem-nas com solo às vezes deixam-nas expostas. Após isso, as crianças ou adolescentes de ambos os sexos (caso a Morança não tiver crianças aptas) passam a vigiar aquele local até a emergência da planta em alguns centímetros, de modo a impedir a interferência de pássaros e outros animais. Com o crescimento do arroz plantado, adolescentes, jovens e adultos começam o revolvimento de toda a propriedade onde mais tarde o arroz será transplantado. Neste processo de revolvimento, as crianças são responsáveis pela remoção de plantas daninhas que dificultam o revolvimento, enquanto as mulheres preparam e levam a alimentação para entregar os lavradores



(aqueles que revolvem o solo) em distância muitas vezes enormes. Ao mesmo tempo que decorre o processo de revolvimento, as mulheres, crianças e adolescentes começam a retirar o arroz das sementeiras que posteriormente será transportado pelas mesmas pessoas para o local de transplante. O processo de transplante envolve as mulheres na sua maioria (desde adolescentes até as mais velhas), mais alguns jovens e homens adultos. Tendo feito o transplante, termina esta etapa.

III – Manejo cultural: o manejo que aqui se refere trata daquele após o transplante e não o manejo de todo processo. Após o transplante o arroz fica em parte submerso na água e começa a crescer rapidamente. As propriedades são divididas pelos diques em pequenas parcelas, existem buracos nestes diques que permitem a circulação da água entre as parcelas. Ciclo vegetativo que antecede a iniciação de panícula até a maturação são cruciais, por isso, os anciãos ou outros adultos circulam nas propriedades para verificar a quantidade de água em cada parcela, no caso de excesso ou escassez eles abrem as passagens para esvaziar ou receber água. Outro manejo importante nesta etapa é o manejo de plantas daninhas, que exige muita mobilidade. As crianças atuam neste momento removendo de forma manual as ervas daninhas, processo ocorre duas vezes até a maturação da cariopse.

IV – Colheita: com o cariopse já maduro o cultivo fica propício ao ataque de pássaros em algumas propriedades devido a sua geografia e o habitat circundante. Nas propriedades com ataques de pássaros, as crianças e adolescentes ou alguns anciões e mulheres ficam responsáveis por vigiar o arrozal até que seja colhido. Estando pronto para ser colhido, os jovens e homens adultos cortam as hastes de cariopse amarrando-as em pequenas maraduras (junção de vários cariopses), utilizando uma foice para cortar. Depois disso, as mulheres começam a recolher as maraduras com baldes e bacias plásticas e organizando-as em grupos maiores até o dia de separação dos grãos com as hastes. Para separar os grãos de suas hastes participam adolescentes e jovens de sexo masculino, no entanto, podem participar adolescentes e jovens de sexo feminino. Eles utilizam uma vara de Mangue com a extremidade pontiaguda, para puxar as maraduras e batê-las com a mesma vara de modo a separar os grãos das hastes. Depois disso, as mulheres começam a ceifar para separar os grãos de outras sujeiras, e no final transportá-los para as casas onde serão guardadas em celeiros.

Com os relatos acima, percebe-se que as crianças e as mulheres desempenham um papel quase insignificante na primeira etapa, sobretudo na tomada de decisões. As crianças e adolescentes que se ocupam de vigiar as sementeiras têm grande



responsabilidade para o sucesso ou fracasso de todo processo, pois a emergência de plântulas de arroz é muito delicada. Caso haja pouca atenção das crianças, a família pode ter grande parte de sua sementeira perdida pela interferência dos pássaros.

No tocante ao plantio, pede-se dizer que sem a participação das crianças e mulheres o processo não teria tanta eficiência, ao menos que os homens envolvidos imprimam uma energia imaginável para executar todas as tarefas. O processo de arrancar as plantas da sementeira exige muita resistência e paciência, para aturar longos períodos parado e ao mesmo tempo de pé. As mulheres pela natureza são capazes de aturar estas condições, além disso, elas voltam de campo para cuidar das atividades domésticas. As crianças por outro lado são vistas como menos importante, entretanto, são elas que ajudam os mais velhos a carregar suas ferramentas de trabalho, transportar as mudas até o local de transplante e várias outras coisas que, se os homens forem ocupar delas teriam menos tempo para executar tarefas que executam na etapa de plantio.

Estes grupos sociais participam de modo expressivo na última etapa da cultura. A vigília efetuada pelas crianças ajuda a proteger este importante produto de pássaros, porque sem esta vigília uma família pode perder 50% até 80% de todo o cultivo, ocasionando enormes prejuízos. As mulheres com suas habilidades conseguem ceifar toneladas de grãos, num processo que é totalmente manual, além de serem elas próprias a transportá-los para casa mesmo sendo distante e em péssimas condições para o caminhamento.

Referências bibliográficas

GERHARDT, T. E.; & SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Editora da UFRGS – 1ª ed. Porto Alegre, 2009.

MINAYO, M. C. de S., et al.. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes – 21ª ed. Petrópolis, 2002.

SIA, I. G. Danças do Povo Brasa (Balanta) da Guiné-Bissau na Contemporaneidade. **Novas Edições Acadêmicas**, São Francisco de Conde – BA, 2017.

RICH, T. **A Composição da Família na Cultura Balanta**. Disponível em: <<http://tchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html>> Acesso em 13/11/2020.